

INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NAS ROTINAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Valdelaine Mendes*

Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar, nas rotinas de uma escola pública da zona rural do município de Nolina, quais são os aspectos definidores das características da escola e das relações lá estabelecidas. A metodologia adotada foi a qualitativa do tipo estudo de caso. Foram realizadas entrevistas com integrantes da comunidade escolar e estudos do projeto político-pedagógico e do regimento da escola. A pesquisa demonstrou que, para compreender como são produzidas as rotinas da Escola Garcia, é preciso considerar a colonização, o meio rural, a religião, o esporte, a alimentação... É justamente a interdependência desse conjunto de elementos que permite compreender as razões pelas quais a escola é tão bem conceituada na comunidade.

Palavras-chave: Escola rural. Participação. Comunidade. Colonização. Religião.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo identificar, nas rotinas de uma escola pública da zona rural do município de Nolina¹, quais são os aspectos definidores das características da escola e das relações lá estabelecidas. A pesquisa foi feita na Escola Garcia, instituição pública da rede municipal de ensino de Nolina. O interesse em realizar o estudo deve-se ao conceito positivo que a escola tem na comunidade em que está inserida².

É importante ressaltar que as razões que levaram à escolha da Escola Garcia para o estudo devem-se unicamente³ ao reconhecimento da qualidade do trabalho lá realizado, tanto pela comunidade na qual está inserida quanto pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de Nolina. Assim sendo, busca-se nesta pesquisa compreender o que faz da Escola Garcia um espaço tão prazeroso para a aprendizagem, para o trabalho e para a convivência. Tal compreensão pode fornecer elementos importantes para a interpretação do que ocorre em outras escolas públicas brasileiras.

Em uma simples visita à Escola Garcia é possível perceber que há um cuidado com a limpeza, com a decoração, com a organização do material, com a distribuição do espaço, e que esses são elementos valorizados dentro da instituição. Além disso, nas conversas com pessoas da comunidade é recorrente o desejo de que os filhos estudem na escola.

Algumas perguntas nortearam a realização deste trabalho: o que faz com que essa escola seja tão bem conceituada? O que leva os pais a optarem por matricular seus filhos nesse espaço mesmo morando distante? A

* Doutora em Educação, Pós-Doutoranda em Educação, Bolsista CNPQ, Professora Universidade Federal de Pelotas. valrosamendes@uol.com.br

equipe diretiva tem um papel significativo nisso tudo? O fato de a comunidade ser predominantemente de origem italiana e alemã tem alguma influência? Como se estabelecem as relações dentro da escola?

A metodologia adotada foi a qualitativa (TRIVIÑOS, 2006) do tipo estudo de caso. Esse tipo de estudo é realizado a partir de um pequeno universo de investigação, mas com um grande número de variáveis. Para Stake (1983), o pesquisador qualitativo, quando analisa um caso, observa como os eventos são determinados no contexto em que ocorrem.

A abordagem metodológica definida para esta investigação pauta-se no pressuposto de que o estudo de um fenômeno em uma situação específica não pode ser reduzido aos aspectos descritivos que o constituem naquele espaço, pois é preciso considerar a historicidade e os determinantes estruturais da realidade pesquisada.

Para alcançar o objetivo deste estudo foram feitas visitas à Escola Garcia. Em um primeiro contato, foi possível conhecer a estrutura física e conversar com alguns integrantes da comunidade escolar. Todos os aspectos observados nesses momentos eram registrados em um diário de campo. As entrevistas foram agendadas para outras datas e realizadas com integrantes da comunidade escolar. Além das entrevistas, utilizou-se para fazer este estudo o projeto político-pedagógico e o regimento da escola.

A Escola Garcia pertence à rede municipal de ensino de Nolina. Foi fundada em 1928, mas sofreu muitas alterações ao longo de sua existência. Está situada na zona rural do município, a aproximadamente 35 quilômetros do centro da cidade. Atende alunos de todo o ensino fundamental. Funciona nos três turnos, porém a noite só oferece uma turma de 6ª série.

Grande parte dos professores e funcionários que atua na escola reside na zona rural. Os professores que residem na zona urbana dependem de ônibus para chegar à escola. Alguns docentes e funcionários,

por morarem em localidades distantes na zona rural, também recorrem a algum meio de transporte. Para expandir o ensino noturno a escola tem que contar com professores que residam no seu entorno, pois não há transporte a noite para a localidade. O mesmo ocorre em relação aos alunos. Muitos deles dependem do transporte escolar para estudar, pois residem a muitos quilômetros da escola.

A partir da leitura dos documentos levantados na escola e da escuta e transcrição das entrevistas passou-se à interpretação das informações coletadas. Para tanto, recorreu-se ao método de análise de conteúdo que, de acordo com Triviños (2006), possibilita a interpretação dos materiais a partir de um conjunto de variáveis da vida social. As análises possibilitaram a identificação de quatro temas que se destacaram como definidores das características da Escola Garcia, que serão a seguir abordados.

1. O PERTENCIMENTO AO MEIO RURAL E AO URBANO

A valorização dos costumes da comunidade onde a escola está inserida foi um aspecto que se destacou durante as visitas realizadas à Escola Garcia. A intensidade dessa valorização está diretamente relacionada à moradia e à permanência no meio rural. A maior parte dos trabalhadores (docentes, técnicos administrativos, responsáveis pela conservação e manutenção) que atuam na escola vive nesse meio. É importante ressaltar que muitas vezes essas pessoas não vivem no entorno da escola, já que percorrem grandes distâncias para ir até lá trabalhar, porém vivem no meio rural.

Há ainda os casos de trabalhadores que residem no meio urbano e são nomeados para trabalhar na Escola Garcia. Durante as entrevistas e conversas realizadas na escola, constatou-se que muitos funcionários e

professores solicitam à SME de Nolina a nomeação ou transferência para lá trabalhar. Esse desejo, na maior parte das vezes, deve-se à possibilidade de incrementar os rendimentos com um auxílio financeiro denominado “difícil acesso”⁴.

A avaliação que a escola faz desse tipo de profissional é que muitos dos que vêm para a escola com este propósito têm dificuldade para permanecer na mesma, pois não se acostumam com as rotinas da instituição e do meio rural⁵. Ao falar dessas pessoas, a professora Leda afirma que muitos acabam desistindo de trabalhar na escola, pois não conseguem fazer valer suas próprias rotinas e costumes. Segundo Leda, as pessoas que trazem valores diferentes daqueles solicitados na Escola Garcia criam limitações para o trabalho de todos e têm dificuldades para se adaptar ao meio. Isto significa que o incremento financeiro não é suficiente para manter essas pessoas trabalhando na escola. Diz a professora Leda: “se não carregam consigo valores de respeito, de solidariedade, de cooperação, [...], esse grupo, que não vem com isso, passa um tempo e vai embora [...] entra em choque”.

Nesse caso, pode-se questionar em que medida são as pessoas de fora que não conseguem se adaptar ou se são as pessoas de dentro da escola que exigem um “enquadramento” dos de fora às suas rotinas. Como no estudo de Elias (2000)⁶, em que o tempo de moradia em uma comunidade era o fator determinante para atribuir menor ou maior valor ao ser humano, no caso aqui estudado, o pertencimento ao meio urbano ou ao meio rural é um dos elementos definidores para conferir maior ou menor valor às pessoas que atuam na escola. Na visão das pessoas que atuam na instituição, os trabalhadores oriundos do meio urbano carregam consigo referências diferentes daquelas tradicionalmente valorizadas pela escola.

Entretanto, é patente que se o profissional, ao trabalhar na Escola Garcia, seguir as mesmas rotinas

daqueles que lá atuam será bem aceito pelo grupo. Nesse ponto, os dados aqui encontrados diferenciam-se do estudo de Elias (2000), pois, na Garcia, se os *outsiders* se adaptarem às rotinas serão bem-vindos. Na realidade, fica evidente que já há um olhar diferenciado para os sujeitos (os estranhos) que vêm de fora, que são testados quando chegam à escola. De acordo com Elias (2000, p. 35), “a estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e *outsiders*, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido”.

Outro elemento a ressaltar neste tópico é que dois professores entrevistados nasceram e cresceram no meio rural. Isso é valorizado por eles como algo que pode qualificar o trabalho realizado, já que são pessoas que têm um bom conhecimento do meio em que a escola está inserida.

A professora Leda, diretora da escola, nasceu e cresceu na zona rural. Sua família era pobre. O pai estudou até a quinta série e a mãe até a terceira. Os pais desejavam muito ter estudado mais, razão pela qual fizeram muitos sacrifícios para garantir os estudos das filhas, segundo Leda. Sua irmã também é professora na zona rural. “A gente só não passou fome...”, conta ela. Leda e a irmã estudaram até a oitava série na zona rural. Os pais entendiam que o único patrimônio que poderiam deixar era justamente o estudo. A professora Leda afirma que houve ascensão social em sua trajetória pessoal e profissional em relação àquilo que seus pais viveram.

Nesse caso, as duas professoras, embora tenham cursado ensino médio e superior na zona urbana, desejaram retornar para trabalhar na zona rural, justamente em locais próximos da antiga residência dos pais. Será que esse retorno para o meio rural tem a ver com um possível sentimento de ser uma *outsider* na zona urbana?

Outra questão que pode ser levantada é se essas professoras que nasceram e cresceram na zona rural

e acabaram retornando ao seu meio para lá trabalhar não sofrem aquilo que Bourdieu (1998) chama de uma “seleção direta ao longo do processo de escolaridade”, em que as chances de ascensão social são bastante limitadas. Até que ponto essas pessoas, por conta de sua própria história familiar, tiveram chances de permanecer no meio urbano e lá definir sua trajetória profissional?

Diante do exposto, evidencia-se a importância da noção de pertencimento ao meio no trabalho escolar, sem a qual há um comprometimento das relações e, conseqüentemente, de todo o trabalho pedagógico. Nesse caso, o incremento financeiro não atua como motivador para a permanência na instituição.

2. A INFLUÊNCIA DA DESCENDÊNCIA ITALIANA E ALEMÃ

A Escola Garcia está situada em uma região predominantemente colonizada por descendentes de alemães e italianos. Na escola, tanto os alunos, quanto os professores e funcionários não são descendentes diretos de originais desses países, mas pertencem à terceira, à quarta ou à quinta geração daqueles que vieram para o Brasil em busca de trabalho. Nesse caso, os descendentes de ancestrais alemães são maioria. Já houve também muita miscigenação entre oriundos de diferentes nacionalidades, em especial, nessa região, entre italianos e alemães.

Esse é o caso da ex-aluna Luisa, que relatou ser filha de um italiano e de uma alemã, mas que havia o predomínio em sua formação da cultura alemã. Os negros também estão presentes na região e na escola, porém em número reduzido. Os negros representam, de acordo com os dados obtidos no estudo, 5% do corpo discente da escola. Pelo que foi possível apreender, os negros não participam de um conjunto de atividades culturais realizadas naquela comunidade.

De acordo com os relatos obtidos na Escola Garcia, não há problemas entre os alemães e os italianos,

pois esses grupos convivem em harmonia. Em relação aos negros, a professora Leda também afirmou não haver dificuldade de integração, porém lembrou que uma família teve problemas em determinado momento. Mas, nesse caso, a professora alegou: “essa família é que era racista”. No tocante a essa situação, não se obteve informações para dizer quem foi racista ou quem foi responsável pelos problemas no interior da escola. A questão que pode ser levantada é: até que ponto os integrantes de um grupo que representa apenas 5% do universo da unidade escolar teriam alguma condição de fazer valer sua vontade.

A partir do que foi visto e relatado na Escola Garcia, percebe-se que a realização de festas, encontros e confraternizações é algo valorizado pela comunidade escolar. Essas atividades estão presentes no calendário da escola durante o ano. A maior parte das festas conta com a colaboração das famílias dos alunos, que preparam doces, tortas e pães para serem consumidos nessas datas.

O elevado valor atribuído a esse tipo de atividade está, de acordo com a professora Leda e a ex-aluna Luisa, diretamente relacionado à tradição cultural alemã e italiana de, em qualquer data ou ocasião, reunir a família e os amigos para festejar e para comer em abundância. Ao também valorizar esse tipo de ação, a escola reproduz algo que já faz parte do cotidiano da comunidade.

As festas em que são servidos alimentos aparecem como um elemento forte a demonstrar a relevância que a escola confere ao trabalho coletivo. Há um entendimento de que a realização de festas para comemorar algo ou simplesmente para confraternizar é uma forma importante de aproximar as pessoas e tornar mais fácil a implantação de um trabalho mais colaborativo, solidário e coletivo.

Essa coisa da comilança, é muito forte dentro da escola, com as crianças, com nós professores. Tudo

é motivo pra a gente confraternizar, tudo é motivo pra te reunir e trazer um prato. [...] isso é muito forte, é a cultura [...] vamos nos reunir ao redor de uma mesa, isso é uma característica da cultura italiana e alemã. (Professora Leda)

O sucesso das festas depende da colaboração de todos os participantes: “cada um dá um pouquinho [...] eles enxergam na escola algo que vai melhorar, então eles não se importam de colaborar” (Professora Leda). As festas e confraternizações têm tanta importância que estão registradas nos principais documentos da escola, o Regimento Escolar e o Projeto Político-pedagógico.

O churrasco de final de ano, isso é um dos objetivos que tá no nosso Regimento e no nosso PPP, que, além das reuniões, que as reuniões de confraternização também são fundamentais pra unir, pra pegar esse grupo, pra trabalhar ser humano, porque a gente não pode trabalhar na escola só a questão pedagógica [...] essa união que faz o diferencial, né, e o churrasco é um deles. (Professor João)

O tipo de colonização apareceu como um elemento importante para pensar a organização da Escola Garcia. Nas conversas e nas entrevistas realizadas foi possível identificar que o zelo pela instituição decorre de um cuidado que as famílias têm com suas próprias residências. Sobre a relação entre o tipo de colonização e o cuidado com a escola, a professora Leda comenta:

o embelezamento, o cuidado com o pátio; a família procura isso, procura ter um jardim. Isso é característico assim, cuidar da casa, zelar pelo entorno. [...] as crianças também percebem isso, eles também cuidam, eles também zelam, então tu vê que [...] pouco adiantaria se só nós fizéssemos isso.

A percepção da professora demonstra o quanto a escola não é uma instituição a parte do que ocorre na sociedade. Isso seria, como afirma Bourdieu (2007), a relação estabelecida entre a instituição escolar e a reprodução daquilo que ocorre no meio cultural. Entretanto, é preciso reconhecer que na escola podem ser

construídas relações diferentes daquelas predominantes na sociedade, já que esta não é somente reprodutora, mas produtora de novas formas de interação social (MENDES, 2009).

O já mencionado cuidado com a pintura, com a distribuição dos materiais e com a organização na Escola Garcia é um indicador de que a apreciação do belo é um elemento de preocupação para a escola. Essa questão aparece, na fala da professora Leda, como algo que deve ser permanentemente pensado:

eu coloco como uma das coisas mais importantes, quando tu entras num portão de escola, que tu enxerga lixo no pátio, que tu enxerga algo quebrado, destruído, mal cuidado [...] é um descuido, um descaso, as pessoas não se valorizam, porque o ser humano sempre quer estar no belo, no bonito, no agradável, no organizado, no tranquilo.

Todo esse cuidado com a “aparência” da escola é percebido como um elemento de valorização da instituição de ensino, tanto por aqueles que permanecem por longo tempo lá, como alunos, professores e funcionários, quanto por alguém que vai esporadicamente naquele espaço.

A professora Leda é formada em Artes, o que explica, em parte, todo o cuidado com a beleza da instituição. De acordo com a ex-aluna Luisa, “todos os trabalhos, os enfeitinhos que têm nas salas são dela”. Mas, a professora faz questão de deixar claro que esse não pode ser o trabalho de um professor, mas da escola como um todo, que deve primar permanentemente por um bom espaço de convívio. Mais uma vez, fica evidente a importância dada ao trabalho coletivo na escola. De acordo com a professora Leda, “(...) esse é um cuidado que a gente tem que ter diariamente e não dá pra ser só do diretor”. Essa percepção da questão da harmonia do espaço não está apenas relacionada ao belo, mas ao cuidado necessário nas relações estabelecidas no interior da escola.

Pelo exposto neste tópico, os traços da colonização italiana e alemã são importantes para compreender as

razões pelas quais a Escola Garcia cultiva as características de organização, trabalho coletivo, limpeza, entre outras. A organização das casas e a grande relevância que essas comunidades atribuem aos momentos de “comilança” são também transpostos para a escola.

3. O PAPEL DA RELIGIÃO PROTESTANTE

Durante o período de permanência na escola percebeu-se que não há uma associação comunitária que agregue os interesses dos moradores da localidade. Os dois espaços utilizados pela comunidade para reuniões e para organização coletiva são a escola e a igreja. Conforme menciona a professora Leda, “todos os movimentos ou são ligados à igreja ou são ligados à escola”.

Todas as festas coletivas são organizadas pela comunidade religiosa ou pela escolar. Na realidade, os pais dos alunos e a comunidade religiosa integram o mesmo grupo. Afirma Leda:

Todos os pais dos alunos que estão na escola, eles participam de uma comunidade religiosa, então eles ajudam [...] eles ajudam na comunidade, respectivamente, eles entendem que também precisam ajudar a escola, então sempre que a gente precisa de alguma coisa, não é tão difícil conseguir, porque eles sabem o sacrifício que é cuidar de uma comunidade religiosa, porque a comunidade fica a cargo deles, né [...]. Na medida em que faz um chamamento que tu precisa de ajuda, esses pais que também sabem do esforço que é um trabalho na comunidade, eles vêm até a escola.

Nas formaturas e no início de cada ano letivo é feito um culto ecumênico em que “os professores e funcionários da escola se organizam [...] se faz na igreja lá, pra eles entenderem a cultura de entrar na igreja, de sair da igreja, porque esse acaba sendo um trabalho que a gente também precisa delimitar com eles” (Professora Leda).

Para Bourdieu (2007), o ensinamento religioso cumpre a função de conservar a hierarquia presente

na sociedade de classes. Para o autor, a legitimação do arbitrário é produzida pela imposição de um pensamento hierárquico que “naturaliza” as relações de ordem. Isto é,

Inculcar pela educação implícita e explícita o respeito por disciplinas “lógicas” tais como as que sustentam o sistema mítico-cultural ou a ideologia religiosa e a liturgia e, ademais, impor as observâncias rituais que, ao serem vividas como a condição de salvaguarda da ordem cósmica e da subsistência do grupo [...], significa [...] perpetuar as relações fundamentais da ordem social. (BOURDIEU, 2007, p. 71-72)

A inculcação de determinados valores religiosos, identificados na Escola Garcia, nos alunos, durante seu processo de escolarização, implica, conforme exposto por Bourdieu (2007), contribuir para a conservação da hierarquia social. Sendo esse pressuposto de Bourdieu verdadeiro, questiona-se o caráter das relações estabelecidas na Escola Garcia, definidas nos discursos dos participantes do estudo como horizontais e coletivas. Isto porque, se for feita a transposição daquilo que foi escrito por Bourdieu para a escola estudada, conclui-se que todo esse vínculo religioso com a escola contribui somente para a conservação da ordem e da hierarquia social, não conduzindo, nesse sentido, para a emancipação humana e a produção de ações e relações mais autônomas.

A questão da religião aparece com muita força neste estudo e a ela é atribuída grande relevância na Escola Garcia. Isso é tão forte, que chega a integrar as atividades do próprio currículo escolar. O enfoque protestante predomina na região, por ser a referência da maior parte dos habitantes do local.

Dois elementos podem ser extraídos da constatação da grande importância dada à religião protestante na escola. O primeiro deles diz respeito ao cunho laico da educação pública e, o segundo, refere-se ao forte trabalho coletivo presente na escola e sua relação com a crença nos ensinamentos do protestantismo.

Em relação ao primeiro aspecto, percebe-se que a realização de cultos, orações e rituais indicam claramente a identificação com uma crença. Isso em uma instituição pública é algo questionável, pois a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) dispõem claramente sobre o caráter⁷ que deve ter o ensino em uma escola *pública*. A opção religiosa é uma escolha individual e privada. Dessa forma, não deve ser priorizada na escola pública qualquer tipo de atividade que sirva para influenciar essa escolha em direção a uma ou outra religião. Sabe-se que este aspecto não é crucial para o propósito deste estudo – que é identificar as razões do elevado grau de organização, de coletividade e cuidado com o espaço na Escola Garcia –, porém é importante deixar claro que todo esse valor atribuído a um tipo de religião pode ser nefasto para a natureza pública do ensino.

Já o segundo aspecto, referente ao trabalho coletivo, interessa diretamente a este estudo. Isto porque o alto grau de coesão das pessoas que vivem na comunidade religiosa pode ser um fator importante para explicar o tipo de organização da Escola Garcia. O compromisso que as pessoas assumem quando vão “louvar a Deus” é transferido para a escola nas horas em que é necessário agregar forças para realizar alguma ação.

Em seu estudo, Elias (2000) demonstrou que o poder estava baseado em um alto grau de coesão das famílias mais antigas que viviam em uma determinada comunidade. No caso aqui estudado, o poder parece estar diretamente relacionado às tarefas assumidas no âmbito religioso. Para ilustrar, vale lembrar a professora, que é, ao mesmo tempo, diretora da Escola Garcia e responsável por ministrar cursos para os casais na igreja. Tal constatação serve para demonstrar que aquelas pessoas que têm maior poder de decisão e de influência na igreja, também o têm na escola.

Ficou evidente que comunidade escolar e comunidade religiosa, embora tenham papéis diferentes,

acabam se confundindo na organização escolar. Aqui é possível mencionar Boissevain (1987, p. 202) quando afirma, “além dos motivos pragmáticos, uma pessoa também age de acordo com valores que são importantes para si, uma vez que ela faz parte de certos grupos e participa de atividades institucionalizadas com valores próprios a que se subscreve”.

Assim, os professores da Escola Garcia, ao difundirem um tipo de doutrina, acabam agindo tanto em função daquilo que é importante para si quanto para o grupo do qual fazem parte. A inserção dos ensinamentos protestantes na escola pública significa difundir um tipo de doutrina do qual fazem parte determinados grupos. Também pode se constituir em uma forma de conquistar novos adeptos para aquela religião.

4. O PRESTÍGIO DO ESPORTE NA ESCOLA

“A escola não tem as melhores condições entre as escolas públicas e privadas de Nolina, mas tem uma boa organização”. Essa é a avaliação que faz o professor de Educação Física João, responsável pela participação dos alunos da escola em competições esportivas.

A Escola Garcia é conhecida por levar equipes de alunos para participar de competições esportivas. De acordo com o professor João, “a escola é bem-sucedida nas provas de atletismo e em jogos que participa, ficando inclusive à frente de escolas maiores”.

Para superar as dificuldades, mais uma vez o trabalho coletivo aparece como aspecto fundamental. Para o referido professor, o apoio da direção, dos pais, dos colegas e dos funcionários é imprescindível. João afirma que “toda vez que saem para uma competição, a merendeira prepara o lanche para a viagem e sempre vai um outro professor junto”. A participação nas competições é vista como uma oportunidade para os alunos prepararem-se para “uma vida competitiva” e para conhecerem outras cidades do estado.

Embora não sejam todos os alunos da escola que participam desse tipo de atividade, ficou claro no estudo que todos aqueles que desejam participar têm assegurada essa possibilidade. Isso ganha relevância na medida em que o professor João demonstra ter clareza de que a oportunidade de acesso a um determinado conhecimento ou atividade é algo fundamental no âmbito escolar. Afirma o professor: “eu levo alunos para ganhar e alunos para competir, eu não deixo aluno de fora (...). Ele colaborou com os colegas, colaborou com o colégio”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi identificar quais são os aspectos determinantes das relações estabelecidas na Escola Garcia. O estudo permite indicar algumas razões para a especificidade das relações estabelecidas nesse espaço. Como afirmam Elias (2000) e Boissevain (1987), é preciso considerar o grau de interdependência entre um conjunto de fatores para explicar o comportamento de determinados grupos. Assim, todas as dimensões do fenômeno estudado devem ser valorizadas e consideradas. Para Boissevain (1987, p. 202), “as configurações sociais, tais como coalizões, grupos, instituições e sociedades, devem ser vistas como redes de escolhas pessoais competindo por recursos escassos e valiosos”.

Dessa forma, este estudo demonstrou que, para compreender como são produzidas as rotinas da Escola Garcia, é preciso considerar a colonização, o meio rural, a religião, o esporte, a alimentação... É justamente a interdependência desse conjunto de elementos que permite compreender as razões pelas quais a escola é tão bem conceituada na comunidade.

O conceito de configuração utilizado por Elias ajuda a compreender esse processo. De acordo com Heinich (2001), essa noção está no centro da sociologia de Elias: “um jogo na realidade, não é nada além de uma configuração particular, em que os indivíduos estão

unidos por vínculos de interdependência que dão sentido às suas ações” (p. 122).

Especificamente, em relação à presença dos princípios religiosos protestantes na escola, pode-se lembrar Weber (2001) e o conceito de vocação para o trabalho defendido por essa doutrina religiosa. A noção de vocação para o trabalho como uma forma de “alcançar o reino dos céus”. Quanto mais intensa a organização para o trabalho, maior a devoção a Deus. Esse princípio pode ser vinculado à Escola Garcia, pois a grande valorização da limpeza e da organização talvez tenha a ver com a influência religiosa no ensino escolar da unidade, pautado no protestantismo.

NOTAS

- ¹ Para evitar qualquer tipo de identificação, foram dados nomes fictícios para o município, a escola e os sujeitos pesquisados. Os trechos das falas reproduzidos neste texto não sofreram qualquer tipo de correção.
- ² Essa avaliação positiva foi percebida ao longo da realização de algumas atividades de ensino, propostas pela universidade na instituição.
- ³ Todos os aspectos aqui identificados e expostos não devem ser considerados como instrumentos para o estabelecimento de qualquer tipo de escala entre o que seria uma escola ruim ou boa. Isto porque, em se tratando de ensino, não deve haver qualquer tipo de classificação entre as escolas, pois todas precisam ter como meta a realização de um ensino de qualidade, o que, evidentemente, não exclui a necessidade de avaliação permanente de todos os processos educativos.
- ⁴ Os trabalhadores em educação que atuam em locais distantes da Prefeitura Municipal, fora do perímetro urbano ou com acesso a estradas de difícil trafegabilidade, recebem uma gratificação denominada “difícil acesso”.
- ⁵ Além disso, alguns professores solicitam a concentração de sua carga horária de trabalho em alguns turnos, para minimizar os deslocamentos.
- ⁶ Os estabelecidos e os *outsiders* é um estudo sobre as relações entre os moradores de diferentes zonas de uma mesma comunidade no interior da Inglaterra. Nesse estudo, Elias (2000) busca na análise dos comportamentos, das expressões, dos termos utilizados pelos moradores e das relações de poder elementos para a formulação de uma teoria sociológica que possa ser usada no entendimento de outras sociedades. Para o autor, as diferenças estabelecidas entre indivíduos que integram grupos interdependentes formam um tema humano universal e, por essa razão, a relação entre a estigmatização grupal e o preconceito individual não pode deixar de ser feita.
- ⁷ Entretanto, a oferta do ensino religioso foi mantida nesses documentos.

INFLUENCE OF COMMUNITY PARTICIPATION IN A PUBLIC SCHOOL ROUTINES

Abstract

This study aims to identify, in the routine of a public school in the rural municipality of Nolina, what are the defining aspects of the characteristics of the school and the relationships established there. The methodology adopted was the qualitative case study. Interviews were conducted with members of the school community and studies of political-pedagogical project and school of the regiment. Research has shown that, to understand how they are produced routines Garcia School, one must consider colonization, rural, religion, sports, food... It is precisely this set of interdependent elements that allows us to understand the reasons why the school is so well regarded in the community.

Keywords: Rural school. Participation. Community. Colonization. Religion.

REFERÊNCIAS

- BOISSEVAIN, J. Apresentando “Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. *Escritos de educação*. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, 23 dez. 1996.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- HEINICH, N. *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- MENDES, V. *Democracia participativa e educação: a sociedade e os rumos da escola pública*. São Paulo: Cortez, 2009.
- STAKE, R. E. Estudos de caso em pesquisa e avaliação educacional. *Educação e Seleção: revista da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, n. 7, jun. 1983. p. 5-18.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Enviado em 14 de novembro de 2011.

Aprovado em 10 de julho de 2013.